

## EXISTENCIALISMO – O DRAMA DA FINITUDE DO HOMEM

Sandro Zanon  
Formando em Letras Português-Inglês / UTP

Na literatura mundial, encontramos exemplos de personagens que chegam à sua crise existencial e a angústia sentida os faz transcender, elevando-os a Deus; quando que em outros, a mesma angústia os leva ao abandono e a solidão, em um mundo onde o homem assume a inteira responsabilidade de projetar e criar a sua própria essência, sem valores “à priori” que lhe alisem e fundamentem a decisão.

Para falar em crise existencialista faz-se mister abordar dois autores fundamentais. Embora as raízes da filosofia existencialista remontem a Sócrates, foi no século XIX que essa corrente filosófica experimentou uma renovação pelas mãos do filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard; e, no século XX, o filósofo francês Jean-Paul Sartre vestiu o existencialismo com uma roupagem fulgurante e o tornou fascinante para o grande público, pois além de teorizar o existencialismo em trabalhos filosóficos de grande peso argumentativo, Sartre também desenvolveu suas teses em romances (**A Náusea**, 1937; **Os Caminhos da Liberdade**, [ca. 1940]), em dramas (**Portas Fechadas**, 1944; **As Mãos Sujas**, 1948; **O Diabo e o Bom Deus**, 1951), em novelas (**O Muro**, 1939) e em diversos ensaios.

De início, apresento as principais diferenças entre o existencialismo de Jean-Paul Sartre e o de Sören Kierkegaard.

O esboço da filosofia de Sartre delineou-se em um romance, **A Náusea**, iniciado em 1931 e concluído em 1937, em que narra as aventuras extraordinárias de Antoine Roquentin, em Bouville, pequena cidade francesa de província. Concentrado na descrição da vida interior do personagem, o romance desenvolve-se como um só monólogo, por meio de anotações de diário que registram o progresso de uma subjetividade em crise. Invadido pelo vulto extraordinário, obsessivo, que as coisas e as pessoas assumem aos olhos de Roquentin, circundadas por um halo de estranheza, a vida interior do personagem se desarticula, perdendo seu centro. (NUNES, 2006, p. 1). Esta experiência avassaladora

atinge seu acme quando Roquentin, diante de um pé de castanheira do jardim público de Bouville, tem um momento epifânico, uma súbita iluminação reveladora da sua existência.

Esse momento foi extraordinário. Estava ali, imóvel e gelado, mergulhado num êxtase horrível. Mas no próprio âmago desse êxtase, algo de novo acabava de surgir; eu compreendia a Náusea, possuía-a. A bem dizer, não me formulava minhas descobertas. Mas creio que agora me seria fácil coloca-las em palavras. O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente estar *presente*; os entes aparecem, deixam que os *encontremos*, mas nunca podemos *deduzi-los*. **Creio que há pessoas que compreenderam isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio.** Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade e eu próprio. Quando ocorre que nos apercebamos disso, sentimos o estômago embrulhado, e tudo se põe a flutuar [...] é isso a Náusea. (Grifo meu). (SARTRE, 1938, p. 193-4).

Nessa obra literária Sartre já sugere, na fala de Roquentin (parte negritada), os dois caminhos aos quais uma crise existencial pode levar o ser humano: a náusea (indiferença, tédio, angústia...) para o ateu; e a transcendência (comunhão com Deus) para os que têm fé.

Essa criação literária preludiou a criação filosófica sartriana, contendo as primeiras intuições, os conceitos em germe e as influências teóricas decisivas de que resultaram, em 1943, o tratado **O ser e o nada**. Segundo Benedito Nunes, trata-se de “um texto de grande envergadura argumentativa e de terminologia densa, que integrou conceitos extraídos de Hegel, Heidegger e principalmente Dasein”. (NUNES, 2006, p. 2).

Sartre, diferente de outros filósofos existencialistas do século XX, era ateu, e defendia o que chamava de ateísmo coerente, firmado sobre as conseqüências radicais da morte de Deus, tragicamente vivida e proclamada por Nietzsche, nas páginas de **Assim Falou Zaratustra**, e convertida numa certeza incômoda. Para Nietzsche, o cristianismo e a tradição filosófica tinham se afastado do mundo e se voltado para o “céu”, ou para o “mundo das idéias”. Esses dois últimos teriam se transformado no “verdadeiro mundo” e, na verdade, não passavam de aparência. “Sedes fiéis à Terra”, ele dizia, “e não acreditais naqueles que vos falam de esperanças além deste mundo!”. (NIETZSCHE, *apud*, GAARDER, 1995, p. 484).

Sartre achava que o homem devia ser seu próprio juiz em questões morais. “Se Deus não existe, tudo é permitido”, escreveu ele, citando a frase de um personagem de Dostoievski. Paradoxalmente, a falta de um absoluto, como princípio da essência ou da “natureza humana”, garantia da universalidade de valores, tornaria o homem, sem nada em que se apoiar a não ser em si mesmo, presa da angústia quando exerce o livre-arbítrio, “condenado” a uma liberdade total e absolutamente responsável pelos seus próprios atos. Daí a estrutura dramática da existência humana. O conflito que opõe as consciências entre si é um antagonismo mortal, cada homem tendendo a comportar-se como escravo ou senhor de outro homem, a negar e a instrumentar a liberdade de outrem, e, reciprocamente, a ser por outrem instrumentado e vivido como objeto ou coisa em sua liberdade negada. (NUNES, 2006, p. 3).

Podemos considerar a filosofia sartriana como uma análise impiedosa da situação humana quando “Deus está morto” (essa famosa expressão é de Nietzsche). Heidegger dizia que o homem, ao caminhar para a situação-limite, que é a morte, passa a ter um olhar crítico sobre sua existência. Sartre diz que quando o homem percebe que existe e que um dia terá de morrer, e, sobretudo quando não vê qualquer sentido nisto tudo, ele passa a experimentar o medo. Ele diz também que o homem se sente alienado num mundo sem sentido. O sentimento do homem de ser um estranho no mundo, diz Sartre, leva a uma sensação de desespero, tédio, náusea e absurdidade. (GAARDEN, 2006, p. 486-7).

Esse desespero, tédio e náusea absurda ficam evidentes nas reflexões de Roquentin, o protagonista d’A Náusea:

“Mas por que”, pensei, “por que tantas existências, já que todas se parecem?” Para que tantas árvores, todas iguais? Tantas existências fracassadas e obstinadamente recomeçadas e novamente fracassadas – como os esforços desajeitados de um inseto caído de costas? (Eu era um desses esforços). Aquela abundância não dava a impressão de generosidade, ao contrário. Era melancólica, miserável, estorvada por si mesmos. [...] *Eles não desejavam existir*, só que não podiam evita-lo; era isso. Então realizavam suas pequenas funções, devagar, sem entusiasmo; a seiva subia lentamente pelos veios, a contragosto, e as raízes se enfiavam lentamente na terra. [...] Cansados e velhos, continuavam a existir, de má vontade, simplesmente porque eram muito fracos para morrer, porque a morte só podia atingi-los do exterior. [...] **Todo ente nasce sem razão, se prolonga por fraqueza e morre por acaso.** (Grifo meu). (SARTRE, 1938, 196-7).

Perceba nas reflexões de Roquentin a frustração causada pela disparidade entre as mistas expectativas e as desoladoras realidades. O ateu vive o drama de sua finitude e do

nada que circunda a sua contingência, e por mais angustiante que seja encarar nos seus momentos finais o “nada” ou o “grande vazio”, isso lhe é preferível por ser uma maneira realista e racional de encarar o pós-morte. (Lembre-se que Nietzsche dizia que é melhor viver no “verdadeiro mundo” do que crer nas “ilusões” do pós-morte).

Por outro lado, Søren Kierkegaard, que era um existencialista cristão, considerava como mais importante a busca da verdade individual, “a minha verdade”, ou a verdade de cada um. “A verdade é subjetiva” dizia ele, “não no sentido de que é totalmente indiferente o que pensamos ou aquilo em que acreditamos, mas no sentido de que as verdades realmente importantes são pessoais. Somente tais verdades são “verdades para mim”, são verdades para cada um.” (GAARDEN, 1995, p. 405).

À guisa de exemplo, considere a questão de se saber se o cristianismo é verdade. Para Kierkegaard, esta não é uma questão para ser encarada do ponto de vista teórico ou acadêmico. Para alguém que se entende como algo que existe, trata-se aqui de vida ou morte. E isso não se discute simplesmente por que se gosta de discutir. Trata-se de algo que deve ser abordado com absoluta paixão. Gaarden faz a seguinte analogia:

Oito mais quatro são doze. Podemos estar absolutamente certos quanto a isto. Trata-se de um exemplo para as verdades racionais, sobre as quais falaram todos os filósofos desde Descartes. Mas nós as incluímos em nossas orações antes de dormir? E por acaso ficamos quebrando a cabeça sobre elas em nosso leito de morte? Não. Por mais “objetivas” ou “genéricas” que tais verdades sejam, é exatamente por isso que elas são tão pouco importantes para a existência de cada um. (GAARDEN, 1995, p. 406).

É preciso distinguir, portanto, entre a questão filosófica de saber se Deus existe e a relação do indivíduo para com esta mesma questão. Trata-se aqui de questões com as quais cada um tem que se confrontar sozinho.

Além disso, **só podemos abordar essas questões através da fé.** Por quê? Pense no seguinte: Se você perguntar a alguém que você quer bem se ela gosta de você, e ela disser que gosta; não há como você saber se ela realmente gosta. Levando em conta certas evidências, você só pode acreditar ou ter esperança que assim seja. Apesar disso, isso é mais importante para você do que o fato incontestável de que a soma dos ângulos de um triângulo

é cento e oitenta graus. É, portanto, uma questão de fé, de se acreditar. (GAARDEN, 1995, p. 406).

E a fé assume importância maior quando se trata de questões religiosas. Kierkegaard acha que se quero entender Deus objetivamente, isso significa que eu não creio; e precisamente porque não posso entendê-lo objetivamente é que preciso crer. Assim, se quero preservar a minha fé, preciso estar sempre atento para não me esquecer de que estou na incerteza objetiva “sobre setenta mil braças de água” e ainda assim creio.

Antes de Kierkegaard, muitos tinham tentado provar a existência de Deus ou então entendê-la racionalmente. Mas quando nos envolvemos com tais provas da existência de Deus ou com tais argumentos racionais, perdemos nossa fé. Isso porque o fundamental não é saber se o cristianismo é verdadeiro, mas se é verdadeiro *para mim*. Na Idade Média expressava-se o mesmo pensamento com a fórmula “*credo quia absurdum*”. Essa expressão significa “Creio, porque é absurdo”. Se o cristianismo tivesse apelado à razão, e não ao nosso outro lado, ele não seria uma questão de fé. (GAARDEN, 1995, p. 407). Ou como bem expressou o apóstolo cristão Paulo, “a fé é a expectativa certa de coisas esperadas, a demonstração evidente de realidades, **embora não observadas**”. (Grifo meu). (BÍBLIA SAGRADA, Hebreus 11,1, 1986).

Kierkegaard achava que havia três possibilidades diferentes de existência. A essas possibilidades ele deu o nome de “estágio estético”, “estágio ético” e “estágio religioso”. Quando emprega a palavra “estágio”, ele quer dizer que podemos estar vivendo num dos dois estágios inferiores e de repente conseguimos “saltar” para um estágio superior. (GAARDEN, 1995, p. 408).

Segundo essa teoria kierkegaardiana, quem vive no “estágio estético” vive o momento e visa sempre ao prazer, acreditando que bom é aquilo que é belo, simpático ou agradável. Tal pessoa vive inteiramente no mundo dos sentidos. Olhando a vida por esse ponto de vista, o esteta acaba virando joguete de seus próprios prazeres e estados de ânimo: Tudo que lhe aborrece é negativo, e mesmo diante da preocupação e do sofrimento, o esteta adota um comportamento de mero observador.

Aquele que vive como um esteta está sujeito a sentimentos de medo e a sensações de vazio. Para Kierkegaard, o medo é uma coisa quase positiva, pois é um sinal de que a pessoa se encontra numa “situação existencial”, podendo então decidir se quer dar o “salto”

para um estágio superior. Se decidir saltar para o “estágio ético”, trilhará o caminho da intersubjetividade, ou seja, entrará em comunhão com os homens; e se decidir saltar para o “estágio religioso”, ela irá transcender, entrar em comunhão com Deus. Mas o salto tem que acontecer ou não acontecer. Em sua obra mais importante, *Enter-Eller (Ou isto ou aquilo)*, Kierkegaard diz que de nada ajuda estar na eminência de pular e depois não realizar o salto. “Ou uma coisa ou outra”, diz ele. E também não é possível que outra pessoa dê o salto em seu lugar. Você mesmo tem de decidir e você mesmo tem que pular.

Um exemplo magistral de uma escolha existencial (que só acontece quando a própria pessoa decide (se é que decide) fazer essa escolha) nos é dado pelo romance **Crime e Castigo**, do escritor russo *Dostoievski*. Durante boa parte do romance, Raskólnikof é instado pelas pessoas próximas a ele e que lhe querem bem a mudar de vida, (a passar do “estágio estético” para o “ético”), e Sônia, (a mulher que o ama) em especial, quer convertê-lo à sua fé. Mas é somente quando o próprio Raskólnikof decide mudar que o salto acontece.

À cabeceira da cama tinha uma Bíblia. Segurou-a maquinalmente. Aquele livro era de Sônia; fora naquele volume que ela lhe lera outrora a passagem da ressurreição de Lázaro. No princípio de sua prisão, ele esperava uma perseguição religiosa por parte dela. Julgava que ela lhe atiraria sempre a Bíblia ao rosto. Mas, com grande surpresa sua, nem uma só vez ela fez mudar a conversa para esse assunto, nem uma só vez lhe oferecera o livro. **Fora ele próprio que o pedira pouco antes de sua doença** e ela levou-o sem dizer nada. (Grifo meu). (DOSTOIEVSKI, 1996, p. 328).

Note que há um momento em que o próprio personagem decide direcionar a sua vida para um outro caminho, é a partir desse momento que ele começa a mudar. Quase no acme de uma crise existencialista Raskólnikof passa por um momento transcendente e decide saltar para um estágio superior de sua existência. Dostoievski conclui seu romance neste exato momento.

[...] aqui começa uma segunda história, da lenta transformação de um homem, da sua regeneração, da sua passagem gradual de um mundo para outro, travando relações com uma nova e até agora completamente desconhecida realidade. Podia ser o motivo de uma nova narração. – A que quisemos oferecer ao leitor termina aqui. (DOSTOIEVSKI, 1996, p. 329).

Se decidir passar do “estágio estético” para o “estágio ético”, o indivíduo entrará no estágio marcado pela seriedade e por decisões consistentes, tomadas segundo padrões

morais. Enquanto esteta se interessava apenas pelo que era divertido; agora, como indivíduo ético, não só considera o que é certo e errado, mas principalmente, posiciona-se em relação ao que é certo e errado.

Os saltos podem ocorrer para frente ou para trás. Pode chegar o dia em que o homem zeloso se cansa de ser tão ordeiro e tão cômico de seus deveres, e começa a sentir tédio ou fadiga em sua existência. E então é possível que ele adote uma atitude mais lúdica em relação à vida e retorne ao estágio estético. Outros, porém, ousam mais um salto rumo ao próximo estágio, o “estágio religioso”. Esses ousam o grande salto rumo às “setenta mil braças de água” da fé. Eles preferem a fé ao prazer estético e aos mandamentos da razão. Para Kierkegaard, só nesse caso o homem pode se reconciliar com sua própria vida. (GAARDEN, 1995, p. 410).

Assim sendo, para Kierkegaard, a angústia humana, sentida quando o homem se percebe finito, deve conduzi-lo aos estágios superiores da sua existência, resultando numa comunhão com seus semelhantes e com Deus. Mas para Sartre, essa mesma percepção conduz o ser humano a uma angústia, uma náusea existencial, visto perceber-se sozinho, sem um Deus a quem recorrer.

Encontramos exemplos desses dois desfechos para a crise existencial do homem na literatura mundial, mas neste ensaio, nossa intenção é focalizar em especial o segundo caso, a náusea sartriana.

Na literatura brasileira, a obra de Clarice Lispector é singularmente apropriada para realizarmos essa análise, pois o que interessa para Lispector é a sondagem psicológica do indivíduo, a análise de suas angústias e seus dramas existenciais. “O fato em si pouco interessa à narrativa”, declarou a própria autora, “o importante é a repercussão do fato no indivíduo”. (LISPECTOR, *apud*, FARACO & MOURA, 2000, p. 358). Para apreender a introspecção das personagens, a prosa de Lispector apresenta-se geralmente em forma de monólogo, especialmente em seus contos. Suas personagens estão sempre às voltas com o cotidiano; mas de repente, algo as faz crisparem, estremecerem, desequilibrarem-se. O que move esse desequilíbrio é a revelação súbita (epifania) de algo fundamental, que permanecia, até então, adormecido nelas mesmas. Depois do evento epifânico, a personagem regressa ao estado inicial, mas continuará para sempre afetada por aquela revelação. (OLIVEIRA, 1999, p. 540).

Alfredo Bosi, comentando sobre a escrita singular da autora, diz que

na versão existencial de Lispector, o espírito para inquieto sobre as coisas e as pessoas e, não sabendo que sentido lhes atribuir, faz da vida uma constante perplexidade [...] a agudeza quase dolorosa da atenção, a linguagem escavada no sujeito que percebe o objeto e se percebe no objeto. (BOSI, 1997, p. 14- 20).

Notou as semelhanças com a experiência de Roquentin em **A Náusea**? É por isso que que só podemos entender a dimensão do trabalho de Lispector se o analisarmos sob a perspectiva sartriana. Além disso, o momento epifânico se revela em sua obra através dos vocábulos crise, náusea, inferno, assassinato, cólera etc; todos externadores da angústia humana.

Três contos da autora são especialmente apropriados para analisarmos essas características: “O Búfalo”, “Amor” e “Feliz Aniversário”, todos de **Laços de Família**, de 1960. Neste trabalho, iremos nos concentrar no último deles.

Em “Feliz Aniversário”, a personagem D. Anita, encontra-se em sua festa de aniversário, com toda a família reunida para comemorar os seus oitenta e nove anos de idade. A personagem fala muito pouco, no entanto, enquanto observa seus filhos, noras, netos e bisnetos; medita sobre sua longa existência. Em alguns momentos, fica completamente ausente, numa “angústia muda”, fixando os olhos no “estremecer dos balões” e no “vôo da mosca sobre o bolo”. Noutros, ela deplora, enojada, o que é a sua família. “Pareciam ratos se acotovelando; [...] seres desprezíveis, fracos, opacos”. Nos raros momentos em que fala, ela pede vinho para beber, e reclama da janta que demora a sair. Num dado momento explode: “[...] Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas!”. (LISPECTOR, in BOSI, [1997?], p. 226)

A personagem é uma senhora idosa (89 anos), logo, está no ocaso da sua existência. Percebemos nesses excertos que ela está profundamente deprimida em sua festa. O observar seus filhos, noras e netos (que fingem uma fraternidade e cordialidade mútuas que não existem) ela sente uma profunda decepção pelo que produziu, enquanto matriarca. Ciente de que logo morrerá e encarará o “nada absoluto”, extravasa a sua indignação, não se importando mais com a máscara social que usou durante toda a sua vida.

É interessante notar que esse comportamento pessimista e indiferente ocorre no ocaso da vida (sendo a morte uma expectativa certa e próxima, devido à idade avançada ou



uma doença terminal). Podemos encontrar um outro personagem com essas características em **A revolução dos bichos**, de George Orwell. O burro Benjamim, o mais velho animal da fazenda, raras vezes falava e, em geral, quando o fazia, era para emitir observações cínicas – para dizer, por exemplo, que “Deus lhe dera uma cauda para espantar as moscas e que, no entanto, seria mais do seu agrado não ter nem a cauda nem as moscas”. Era o único dos animais que nunca ria. Quando lhe perguntavam por quê, respondia não ver motivo para riso. (ORWELL, 2003, p. 9) Sempre se mostrava cético quanto às melhoras prometidas pelos porcos nas condições de vida e de trabalho na fazenda; diferente de seus colegas, que esperavam e criam fervorosamente que o melhor estava por vir. E quanto mais velho ficava, “mais rabugento e taciturno se tornava”. (ORWELL, 2003, p. 106).

Esta manifestação sentimental exclusivamente humana reflete as profundas reflexões filosóficas que já analisamos anteriormente. Heidegger dizia que o homem, ao caminhar para a situação-limite, que é a morte, passa a ter um olhar crítico sobre sua existência. Isso nos faz lembrar da experiência do pintor francês Paul Gauguin. O livro **Existe um criador que se importa com você?**, diz que

... o pintor francês Paul Gauguin, na iminência de sua morte, pintou um quadro descrito como “a derradeira expressão da força artística [...] o espectro da atividade humana abrangido pelo quadro cobre todo o curso da vida, do nascimento à morte [...] ele interpretava a vida como um grande mistério. Gauguin chamou esse quadro de *D’où venons-nous? Que sommes-nous? Où allons-nous?* (De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?)”. (VÁRIOS, 1998, p. 5)

A existência não significa simplesmente “estar vivo”. As plantas e os animais também “existem” no sentido de que estão vivos, mas são poupados da indagação sobre o que isto significa. O ser humano é o único ser vivo consciente de sua existência, portanto, só o homem entretém tais pensamentos. Na maioria dos casos, isso ocorre, como disse Heidegger, quando nos aproximamos da situação-limite e a morte parece iminente. Para Kierkegaard, essa crise tem que ser superada com o sentimento da fé e do amor, mas para Sartre, o homem precisa enfrentá-la com uma ataraxia digna dos estóicos, aceitando o determinismo heideggeriano de sua condição teológica de um “ser-para-a-morte”. (JESUS E SILVA, 2006, 2).

Um escritor judeu que também analisou esse comportamento humano foi o rei Salomão. No livro bíblico de “Eclesiastes”, Salomão faz profundas reflexões sobre a futilidade da vida, partindo do pressuposto de que Deus não existe. Suas reflexões se assemelham muito aos sentimentos nauseantes de D. Anita. Compare.

[...] Considerarei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol. [...] Pelo que tenho por mais felizes os que já morreram, mais do que os que ainda vivem; porém mais que uns e outros tenho por feliz aquele que ainda não nasceu e não viu as más obras que se fazem debaixo do sol. [...] (BÍBLIA SAGRADA, Eclesiastes, 2,11 e 4,2-3).

Note que Salomão lança um olhar para trás, para tudo que ele havia conquistado até aquele momento de sua existência, e conclui que não valeu a pena tanto esforço. Declara que seria melhor se não tivesse nascido. Em outra passagem ele declara o motivo pelo qual considera todo o seu esforço como tendo sido em vão. A **Bíblia Viva** parafraseia estes versículos assim:

Eu estou muito aborrecido, porque tenho de deixar o fruto de todo o meu trabalho neste mundo para outra pessoa. E quem pode dizer se meu filho vai ser um sábio ou um tolo? Mas, mesmo assim, ele vai receber tudo o que eu tenho [...] (BÍBLIA SAGRADA, Eclesiastes 2, 18-19).

Já que na morte não se leva nada, o congregante se sente desanimado em saber que logo morrerá e tudo que lutou tanto para conseguir ficará para seus descendentes, quer eles sejam pessoas sábias quer não. Concluindo suas reflexões pessimistas, ele diz: “Pois, que vantagem tem o sábio sobre o estúpido? Que tem o atribulado por saber como andar diante dos viventes?” (*idem*, 6,8).

Tanto para o rei Salomão, de **Eclesiastes**, quanto para o personagem Roquentin, de **A Náusea**, a vida se lhes apresenta desprovida de sentido, pela curta duração e consecutivas substituições por outros, como se fosse uma contingência gratuita. A personagem D. Anita é retratada por Lispector no exato momento em que também passa por esse momento epifânico: “[...] lá em cima, sobre escadas e contingências, estava a aniversariante [...]”. Depois ela se pergunta: “Será que hoje não vai ter janta...”. Essa última fala de D. Anita nos faz lembrar da filosofia epicurista: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”, (os

epicureus não acreditavam numa ressurreição após a morte). Já que não há nenhuma esperança para o pós-morte, então o proceder mais sensato seria o “*carpe diem*”, (gozar a vida) usufruir o momento presente em toda a sua plenitude, com todos os seus prazeres.

Salomão também chega a essa conclusão. No capítulo 3 e versículo 22 de **Eclesiastes** ele diz: “E eu vi que não há nada melhor do que o homem alegrar-se com o seu trabalho, porque este é seu quinhão; pois, quem o fará entrar para ver o que vai ser após ele?” (BÍBLIA SAGRADA, Eclesiastes, 3,22).

O conto termina dizendo sobre D. Anita: “A morte era o seu mistério”. Na teoria Sartriana a consciência da morte retira todo o significado da vida, pois a morte para ele é a “nadaificação” dos nossos projetos, a certeza de que um nada total nos espera. O rei Salomão, refletindo sobre a vida do ponto de vista humano também faz essa declaração:

[...] os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol. (BÍBLIA SAGRADA, Eclesiastes, 9, 5-6).

Para aqueles que não tem uma esperança para depois da morte, encarar este “nadaificação”, este nada total que se tornarão depois da morte realmente faz com que a vida se torne um completo absurdo casuístico, e a conclusão lógica nestes termos seria a conclusão dos filósofos epicureus. O próprio apóstolo cristão Paulo concordou: “Se os mortos não serão ressuscitados, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”. (BÍBLIA SAGRADA, 1 Coríntios 15, 32).

Observamos assim que o existencialismo, qual filosofia da crise, é uma profunda reflexão que explica um sentimento inerentemente humano, sendo, portanto bastante explorado na literatura em geral, tanto do ponto de vista cristão (Kierkegaard) quanto do ponto de vista ateu (Sartre). Apesar de tantos precursores terem refletido nesse tema, não há como negar que foi Sartre quem fez do existencialismo uma filosofia para os olhos anelarem, e “exerceu um fascínio intelectual quase ininterrupto sobre mais de duas gerações”, diz Benedito Nunes. Ainda sobre o filósofo francês, ele diz que

... podemos exprobar ao filósofo o seu apreço à metafísica moderna, da qual não se desvencilhou, e a transferência do absoluto à totalização dialética, para onde derivou a ação providencial do ente supremo, do Deus da Bíblia, a que limitou as

possibilidades do sagrado ou a consciência religiosa. Mas dificilmente encontraremos uma falha na apaixonada busca da verdade em que se empenhou a fundo. (NUNES, 2006, p. 1).

Tendo em mente as palavras de Kierkegaard sobre a busca da verdade, podemos dizer que Sartre encontrou a “sua verdade”. Que o seu exemplo nos inspire a nos empenharmos a fundo na busca da “nossa verdade”, e a encararmos com respeito e tolerância “a verdade de cada um”.



## REFERÊNCIAS:

- ARANHA, M. L. A., MARTINS, M. H. P. **Filosofando – introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.
- BÍBLIA SAGRADA**. Tradução do novo mundo das escrituras sagradas. Tatuí, SP: Sociedade Torre de Vigia, 1986.
- BÍBLIA SAGRADA**. Tradução João Ferreira de Almeida, revista e atualizada. Barueri, SP: SBB, 1993.
- BÍBLIA SAGRADA**. Tradução A Bíblia Viva. São Paulo: Mundo Cristão, 2002. 2ª ed.
- BOCHENSKI. **A filosofia contemporânea ocidental**. São Paulo: Edusp, 1975. 2. ed.
- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, [1997?].
- DOSTOIEVSKI, Fiodor. **Crime e castigo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 9ª ed.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 2000. 17º ed. p. 357-360.
- GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- JESUS E SILVA, José Maria de. **O humanismo existencialista de Jean-Paul Sartre**. Disponível em: [http://cynthia\\_m\\_lima.sites.uol.com.br/jeanps.htm](http://cynthia_m_lima.sites.uol.com.br/jeanps.htm). Acessado em 05.05.2006 às 18h18.
- KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- NUNES, Benedito. **O mito Jean-Paul Sartre (necrológio)**. Disponível em: <http://www.trilhasdacultura.com.br/n1/sartre.htm>. Acessado em 22.05.2006 às 19h37.
- OLIVEIRA, Clenir B. **Arte literária**. São Paulo: Moderna, 1999.
- ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Globo, 1962.
- RESEK, Romani. **Deus ou nada**. São Paulo: Paulinas, 1975. p. 147.
- SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, s/d, vol. XLV, p. 9-28.
- SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Record, 1938.
- VÁRIOS. Existe um criador que se importa com você?** São Paulo: Sociedade Torre de Vigia, 1998.